

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS

CLARA SILVA LINHARES

O FIO DA MELANCOLIA

Brasília – DF
2023

CLARA SILVA LINHARES

O FIO DA MELANCOLIA: reflexões sobre fotografia e melancolia

Monografia apresentada ao Trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Martinez Barrios

Brasília – DF

2023

Dedico este trabalho à Mayara por ter sempre me ajudado no que podia, inclusive com este projeto.

Infelizmente não poderei te mostrar o resultado.

Para sempre sentirei saudade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao prof. Vicente Martinez, meu orientador, por me guiar neste processo e por ter paciência e compreensão quando tudo começou a dar errado.

Agradeço à banca e à universidade pela oportunidade.

Agradeço às amigas que posaram e fizeram parte do projeto.

À minha família, Maria, Rosivaldo e Isabela, por apoiarem minha trajetória.

E ao Pedro por acreditar em mim principalmente quando eu não acreditei.

“Ao desenvolver um corpo de obras ao longo do tempo, o profissional vincula sua vida a continuar tirando fotos.”

(Charlotte Cotton, 2010).

RESUMO

Este trabalho fala sobre a minha produção artística, principalmente no final do curso de Artes Visuais. Focado na produção de retratos fotográficos e criando uma reflexão entre a história da melancolia e da fotografia. A partir disso, a concepção do projeto chamado *O Fio Da Melancolia* em que fotografei pessoas próximas a mim e como tive que reformular todo o projeto por causa de uma tragédia. O conjunto das fotos escolhidas representa mais do que apenas um estudo da melancolia, é a consequência de ficar tanto tempo mergulhada neste sentimento, em busca de respostas que não estavam contidas nele.

Palavras-chave: fotografia, retratos, melancolia.

ABSTRACT

This work talks about my artistic production, mainly at the end of the Visual Arts course. Focused on the production of photographic portraits and creating a reflection between the history of melancholy and photography. From that, the conception of the project called *The Thread of Melancholy* in which I photographed people close to me and how I had to reformulate the whole project because of a tragedy. The set of chosen photos represents more than just a study of melancholy, they are the result of spending so much time immersed in this feeling in search of answers that were not contained in it.

Keywords: photograph, portraits, melancholy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MELANCOLIA.....	9
3. A FOTOGRAFIA É MELANCÓLICA.....	13
4. INSPIRAÇÕES E PROCESSOS.....	15
5. O FIO DA MELANCOLIA.....	19
5.1 SAUDADE.....	20
5.2 FACES DO LUTO.....	26
5.3 EXPOSIÇÃO.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7. LISTA DE FIGURAS.....	33
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente a ideia deste projeto era representar em retratos fotográficos o máximo de aspectos possíveis sobre a melancolia, o que me levou a uma grande pesquisa teórica sobre o tema e uma produção acelerada de vários ensaios fotográficos. No entanto, com o falecimento de uma grande amiga que fez parte das fotografias todo o projeto precisou ser repensado.

Com este acontecimento, o sentimento de melancolia tomou outras proporções e questões do meu trabalho, que antes não eram tão óbvias a mim vieram à tona, como, apesar do toque dramático e planejamento da composição, sempre uso pessoas próximas a mim em minhas fotografias e isto cria mais proximidade e transforma fotos encenadas em pessoais, desempenhando “o papel de uma pintora cortesã contemporânea” (COTTON, p 54).

A partir disso, em vez de selecionar apenas as fotos feitas inicialmente com o tema da melancolia, resolvi ir atrás de fotos mais antigas, todas de pessoas queridas, que se encaixam no tema. Assim surgiu a nova concepção do “fio da melancolia”, ou seja, em vez de focar em representar ao máximo todos os aspectos da melancolia utilizei o conhecimento que havia acerca do tema para escolher fotos que se ligassem através de um fio invisível de melancolia que sempre me acompanhou.

O conjunto de fotos escolhidas forma uma narrativa sobre a história da minha melancolia, da fotografia e sobre minha própria jornada estudando e vivendo este tema.

2. MELANCOLIA

Meu fascínio pela palavra melancolia começou na adolescência, sem pesquisar a fundo sobre o tema, mas compreendia (ou sentia) que existia algo em seu significado que ia além do que entendemos por tristeza, algo reflexivo e artístico que eu me identificava mais do que qualquer outra palavra. Assim que comecei a fotografar como forma de me expressar artisticamente decidi que um dia faria um projeto sobre esse sentimento.

Ao longo da história, o sentimento da melancolia tem sido amplamente explorado por estudiosos e artistas. Seu debate abrange várias áreas do saber como medicina, filosofia, psicologia e até mesmo religião. Ao longo dos anos, tomou formas diferentes, e embora seus limites nunca tenham sido definidos alguns pontos são constantes ao longo de sua história: isolamento, medo, inquietação, tendência à reflexão, tédio, abandono e a falta de algo que não existe.

Moacyr Scliar divide a melancolia em três momentos em seu livro “Saturno nos Trópicos” que trata sobre a história da melancolia no Brasil e no mundo. Usaremos aqui esta divisão. A primeira aparição da melancolia acontece na Antiguidade, mais especificamente na Grécia Antiga.

Hipócrates e seus seguidores explicavam os distúrbios mentais como resultado de um desequilíbrio entre os quatro humores básicos do corpo: o sangue, a linfa, a bile amarela e a bile negra a que correspondiam os quatro temperamentos (...): sanguíneo, fleugmático, colérico e melancólico (p. 69 e 70, SCLIAR).

A bile negra (em grego: *melàina cholé*) acumulava-se no baço e levava a medo, desânimo, lentidão e até mesmo a perda de interesse pela vida. Ainda na teoria humoral de Hipócrates, os melancólicos eram detalhistas e sensíveis em suas emoções e o temperamento mais profundo entre os quatro. Já para Sócrates, a melancolia era uma espécie de loucura poética causada pelos deuses e era capaz de inspirar obras de gênios.

No século IX, autores árabes relacionaram os humores com os planetas e assim a melancolia ganha sua relação com Saturno: planeta distante e de lenta revolução. Até hoje o termo “soturno” é sinônimo de melancólico (SCLIAR).

O segundo momento marcante para a melancolia é o início da Idade Moderna, mais ou menos no período do Renascimento. Com todas as mudanças sociais e

expectativas para o futuro, surge uma grande exaltação e agitação, mas a melancolia aparece como um contrapeso às promessas da modernidade.

De um lado toda a concepção do mundo e do tempo mudava junto com as grandes navegações, avanços científicos e artísticos: um mundo novo e melhor era prometido. Mas, por outro lado, a pobreza, as guerras e as doenças aumentaram. “Saturno e Mercúrio são os astros que condicionam o clima emocional do Renascimento. O inquieto Mercúrio convida à descoberta do novo (inclusive de novos mercados para o comércio, como vimos); Saturno induz à ruminação do passado.” (SCLIAR, 2003, p. 34)

Em 1621, Robert Burton, um erudito e melancólico assumido, escreveu “A anatomia da melancolia”. Livro que fez muito sucesso na época.

Para Burton a melancolia era, como a depressão, uma doença, mas não só uma doença: era uma experiência existencial. Tristeza, sim, e tristeza duradoura, e talvez até tédio, mas uma condição existencial envolta em aura filosófica, o que lhe dava dignidade e distinção. SCLIAR (2003, p. 58).

Scliar também argumenta que o grande sucesso do livro de Burton tem a ver com o período histórico de seu lançamento, para ele a melancolia funciona como um fator estabilizador em comunidades e sociedades que passam por grandes mudanças súbitas, como é o caso da Modernidade. Não é à toa que ele declara que “a modernidade nasce melancólica.”



Figura 1 – Albrecht Dürer, *Melencolia I*, 1514. Gravura 24.1x 18.5 cm.
Fonte: Google Arts and Culture

Também, não por acaso, a gravura que se traduz para “Melancolia I”, de Albrecht Dürer, é vista por muitos como a transição da Idade Média para a Modernidade. Nela, Dürer retrata inúmeros símbolos para a melancolia como a moça de asas que prefere ficar sentada em pose reflexiva, seu rosto obscurecido por sombras, a enorme rocha ao fundo representando a imobilidade do melancólico, o cachorro que muitas vezes é visto como um símbolo da melancolia por causa de seu baço, várias ferramentas de trabalhos manuais não utilizadas, etc.

No Romantismo, alguns pontos da melancolia que antes eram vistos até como pecado tornam-se louváveis e o sentimento se apresenta como parte fundamental deste movimento artístico, principalmente pelas mudanças que aconteceram no mundo na época. Como dito por Correia (2016, p.9) em sua tese:

O ritmo das fábricas e do novo tipo de trabalho o fragmentam com o lema do capitalismo “tempo é dinheiro”, o que parece comprimir a sensação sobre a transposição desse tempo na cidade. Os românticos são saudosistas e apegados à ruínas, estão presos em um continuum temporal criado por eles mesmos (PIGEAUD, 2009, p.151), onde o passado se faz presente através da lembrança ligada à ideia de pertencer a algum lugar, que talvez possa existir, talvez não (abordaremos mais adequadamente esse conceito posteriormente). A memória está conectada também com a condição da identidade.

O termo melancolia vai até o século XIX, quando começam a surgir os manuais de psiquiatria e decide-se usar apenas o termo depressão para a tristeza patológica, pois se considera que a melancolia abrange algo desconhecido.

Freud resgata o termo em seu texto “Luto e melancolia” no qual ele diz que o luto é provocado pela perda de um objeto. A melancolia possui as mesmas características, porém sem um objeto perdido, pois existe uma identificação entre o objeto perdido e o “eu” e por isso o melancólico não consegue superar sua perda e entra em um *continuum temporal*.

A terceira parte da obra de Scliar se refere à melancolia especificamente no Brasil e como, apesar da nossa fama de país alegre, carregamos muita tristeza. Colonização, herança cultural portuguesa, genocídio indígena, escravidão, doenças e pobreza são apenas alguns dos motivos da melancolia brasileira, às vezes vista também como um complexo de inferioridade.

A melancolia percorre a história do pensamento ocidental, sendo vista como doença, humor que possibilita as obras de gênios, afastamento de Deus, pecado,

estilo de vida, etc., no entanto falha-se em encontrar uma definição concreta e definitiva.

Para o desenvolvimento deste projeto, a distinção entre depressão e melancolia é de suma importância, escolhendo deixar propositalmente todo o lado patológico para a depressão, para que possamos explorar o que existe de desconhecido no estado de espírito melancólico.

3. A FOTOGRAFIA É MELANCÓLICA

Assim como a melancolia, a fotografia está intimamente ligada com a modernidade, pois surge para satisfazer necessidades intrínsecas à Revolução Industrial.

Desde seu surgimento a fotografia revolucionou não só a arte, mas toda a forma como compreendemos imagens. Até então qualquer reprodução de imagem precisava da interferência da sintaxe linear, ou seja, toda imagem era uma tradução para a linguagem das linhas desenhadas, alterando drasticamente o ponto de partida. (FABRIS). Já a fotografia não possui sua própria linguagem como a pintura e o desenho. A fotografia é formada apenas por luz e aparências (BERGER).

Talvez por isso a fotografia possui a fama negativa de ser a mais fácil das artes miméticas (SONTAG), ou talvez porque no mundo de hoje as câmeras são anunciadas como máquinas poderosas capazes de fazerem todo o trabalho sozinhas. A fotografia liberta a arte do paradigma da verossimilhança:

(...) a própria existência da fotografia torna patente a diferença entre informação visual e expressão visual, permitindo que a arte rompesse seu compromisso com a verossimilhança, ao concentrar-se não na representação, mas nos meios expressivos. (FABRIS, 2006, p. 160).

No entanto ela pega para si a problemática da verdade absoluta. A imagem fotográfica passa a ser onipresente em nossas vidas: usada como provas irrefutáveis de acontecimentos, recortes congelados no tempo.

E, de fato, uma fotografia por si só não mente: ela capta exatamente aquilo que presenciou. Mas isso não a faz portadora da verdade absoluta. Uma mentira pode ser elaborada tanto antes da foto quanto depois.

Para uma fotografia ter significado ela precisa de contexto, uma narrativa. Um mesmo retrato, por exemplo, pode possuir inúmeros significados diferentes a partir da narrativa escolhida, mesmo sendo inquestionavelmente um rastro do tempo, daquilo ou daqueles que um dia existiram.

A própria fotografia surge de um desejo melancólico de capturar o tempo e guardar memórias. Para Berger (2013):

Uma fotografia, ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto.[...] Um diretor de cinema pode manipular o tempo como um pintor pode manipular a confluência dos fatos que ele retrata. Mas não o fotógrafo de uma imagem imóvel. A única decisão que ele pode tomar é sobre a escolha do momento a ser isolado. Mas é essa aparente limitação

que dá à fotografia seu poder singular. O que ela mostra invoca aquilo que não é mostrado. Qualquer fotografia pode atestar a verdade disso. A relação imediata entre o que está presente e o que está ausente é específica em cada uma delas.

Esta dualidade da fotografia remete a ideia da “falta” na melancolia, como o desejo daquilo que está ausente.

A fotografia se relaciona com a memória e com a morte, duas questões comumente associadas com a melancolia. Para Sontag:

A fotografia é o inventário da mortalidade. Basta, agora, um toque do dedo para dotar um momento de uma ironia póstuma. As fotos mostram as pessoas incontestavelmente presentes num lugar e numa época específica de suas vidas; agrupam pessoas e coisas que, um instante depois, se dispersaram, mudaram, seguiram o curso de seus destinos independentes. (...) As fotos declaram a inocência, a vulnerabilidade de vidas que rumam para a própria destruição, e esse vínculo entre fotografia e morte assombra todas as fotos de pessoas. (...) Assim como o fascínio exercido pelas fotos é um lembrete da morte, é também um convite ao sentimentalismo. As fotos transformam o passado no objeto de um olhar afetuoso, embaralham as distinções morais e desarmam os juízos históricos por meio do *páthos* generalizado de contemplar o tempo passado. (p. 85 e 86)

Já Barthes considera que a fotografia de pessoas é uma fatalidade:

Imaginariamente, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma micro experiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro. (p. 28).

Para ele, o fotógrafo tem consciência dessa condição de morte da fotografia e precisa lutar para que a fotografia não seja a morte, ou seja, para dar a ilusão de vida em uma foto.

Ainda para Barthes, seus personagens “flutuam entre a margem da percepção, a do signo e da imagem, sem jamais abordar qualquer uma delas.” (p. 37) A pessoa fotografada fica presa em um *continuum temporal* tal qual o melancólico. A própria fotografia é melancólica.

4. INSPIRAÇÕES E PROCESSOS

Meu interesse por fotografia e edição de fotos começou na pré-adolescência em que eu passava horas seguidas aprendendo a usar sozinha o *Photoshop*. Embora o interesse pela manipulação seja antigo, só comecei a criar minhas próprias fotos em 2015 quando, ao entrar na faculdade de jornalismo, estive em contato com as câmeras DSLR para utilizar no curso.

No mesmo ano, comprei a minha primeira câmera e comecei a fotografar minha vida e as pessoas ao meu redor, conforme aprendia sobre fotografia, ficava claro que fotojornalismo não era o suficiente para mim. Eu queria poder produzir e controlar os detalhes das minhas fotografias, queria falar sobre o que eu quisesse nelas, contar histórias.



Figura 2 – Clara Linhares, *Sem Título*, 2016. Fotografia digital.
Foto de amiga de quando comecei a fotografar.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 3 – Clara Linhares, *Sem Título*, 2016. Fotografia digital.
Foto de amiga de quando comecei a fotografar.
Fonte: Acervo pessoal.

Portanto, desde o começo da minha trajetória no curso de artes visuais, a fotografia sempre foi minha principal forma de me expressar. Embora tenha experimentado com fotografia analógica, a fotografia digital ainda é minha favorita pela praticidade, por proporcionar maior controle criativo e por se relacionar com minha pré-adolescência “brincando” com o *Photoshop*.

Com o passar do tempo, comecei a trabalhar principalmente com ensaios fotográficos planejando o máximo possível com antecedência. Meu objetivo passa a ser capturar a essência das pessoas nas fotos, seus gostos e desgostos, quem elas são e, para isso acontecer eu posso deixar pouco para a sorte, os detalhes precisam ser pensados para contar a história de cada pessoa: locação, roupas, maquiagem, acessórios de cena e até horário do dia. Após fotografar, passo várias horas na edição das fotos, principalmente para o tratamento de cores, que é a parte mais fascinante para mim. Este processo é feito nos softwares *Adobe Lightroom Classic* e *Adobe Photoshop*.



Figura 4 – Clara Linhares, *Sem Título*, 2018. Fotografia digital.
Foto que inspirou o tema melancolia.
Fonte: Acervo pessoal.

Uma das minhas principais inspirações é a fotógrafa Nan Goldin, muito conhecida por seu trabalho na década de 80 em que retratava sua vida, seus amigos e parceiros e o cenário de subcultura de Nova Iorque que ela fazia parte na época. “Uma das muitas qualidades da fotografia de Goldin é sua capacidade para conciliar a noção de uma observação espontânea e emocionalmente carregada daqueles que ama com uma sensibilidade estética altamente desenvolvida.” (COTTON, 2010,

p.141). Por também trabalhar principalmente com fotos de pessoas próximas a mim e ter meu olhar fotográfico contagiado pelos meus sentimentos pessoais, a obra de Goldin se comunica muito comigo.



Figura 5 – Nan Goldin, *Cookie*, 1983.
Fonte: dazeddigital.com

Ao fotografar por medo de perder as pessoas, Goldin se depara com os registros de tudo aquilo que perdeu, sentimento que compartilho com ela. Ao ver minhas fotos, deparo-me com um catálogo das vidas que vivi e não vivo mais, das pessoas que um dia foram próximas e hoje já não são e daquelas que foram tiradas de mim cedo demais.



Figura 6 – Francesca Woodman, *Space*, 1976.
Fonte: tate.org.uk

Outra fotógrafa que serve como inspiração para mim é Francesca Woodman. A artista norte-americana é conhecida por seus autorretratos e fotos de mulheres em preto e branco. Sua obra gira em torno de temas como feminilidade, tempo e solidão.

Suas fotos são muitas vezes distorcidas e fantasmagóricas e possuem uma morbidez notável.

Uma das obras do artista performático, Bas Jan Ader, também pode ser considerada uma inspiração. Em 1970, Ader gravou um vídeo de 3 minutos chamado "I'm too sad to tell you" em que ele aparecia chorando incontrolavelmente, depois imprimiu cartões postais com imagens do vídeo e enviou para amigos e conhecidos.



Figura 7 – Bas Jan Ader, *I'm too sad to tell you*, 1970. Still de vídeo.
Fonte: .boijmans.nl

5. O FIO DA MELANCOLIA

Para começar a tratar sobre meu projeto, preciso dizer que inicialmente a forma de retratar a melancolia era completamente diferente. Nas disciplinas de Ateliê 1 e 2, explorei a melancolia em retratos fotográficos quase como uma alegoria da melancolia, tentando retratar todos os seus aspectos possíveis. Embora já comece sendo um projeto audacioso, não foi esta percepção que me fez mudar de rumo, e sim, uma tragédia que extrapolou os limites da minha vida pessoal. Assim me vi obrigada a reinventar meu projeto.

Em agosto de 2022, fiz um ensaio com uma amiga muito importante para mim, chamada Mayara, para integrar o projeto como uma pequena encenação da melancolia através de símbolos comumente relacionados a este sentimento, mas, na véspera de natal do mesmo ano, recebi a notícia que Mayara faleceu, e, a partir daquele momento, as fotos do ensaio que havíamos feito me causavam muita dor, pois, além de terem sido meu último contato com ela pessoalmente, elas pareciam um prelúdio para a tragédia que iria acontecer.

O projeto foi suspenso, pois as fotos dela compunham a maior parte e, por meses, fiquei perdida sobre o que fazer. Apenas em março de 2023, pouquíssimo tempo antes do novo semestre começar, que finalmente entendi que o projeto inevitavelmente teria que se transformar para continuar, assim como eu me transformei para seguir em frente.

A ideia de encenação através símbolos já não me atraía, muito menos a ideia inicial de retratar todos os aspectos da melancolia historicamente e até considerei abandonar o tema. Mas, como artista, resolvi encarar a dor e o tipo específico de melancolia que estava sentindo e trazer para o projeto. A concepção do projeto sempre possuiu um certo caráter autobiográfico, mas, a partir deste momento, ele se torna muito mais pessoal.

Neste novo momento, a ideia passou a ser usar a melancolia e seus infindáveis aspectos mais como um fio condutor entre algumas obras em vez de tentar mostrar todos os seus aspectos.

Uma característica da minha produção que ficou muito clara com este acontecimento foi como retrato principalmente pessoas conhecidas e queridas, e isto cria uma carga afetiva e emocional muito grande que foge de meu controle. Logo, nesta nova etapa do projeto, resolvi abraçar este lado afetivo e emocional do meu

trabalho. Como Charlotte Cotton diz, referindo-se a Sam Taylor-Wood, que ao entremear aspectos de sua vida pessoal em fotografias encenadas desempenha o papel de uma pintora cortesã contemporânea (p. 54, 2010).

Para explorar ainda mais este lado, resolvi ir à busca de várias fotos feitas ao longo dos anos de 2019 até 2023 que se unissem através do fio condutor da melancolia.

Após muita consideração, quinze (15) fotos foram escolhidas para representar o fio invisível da melancolia. Estas quinze (15) fotos foram divididas em duas partes, antes e depois da morte da Mayara.

5.1 SAUDADE

A saudade é uma palavra que traduz um sentimento muito específico e que só existe no idioma português. Como brasileiros, herdamos a “saudade” dos portugueses, tanto a palavra quanto o sentimento, pois assim como para os portugueses a saudade também se torna parte de como nós brasileiros percebemos o mundo. É um tipo de melancolia só nossa, um “desejo melancólico.” (SCLIAR, p.148).

No dicionário online Michaelis, saudade é definida como: “Sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis”, mas podemos imaginar que seu significado não pare por aí. Moacyr Scliar nos explica, citando o famoso rei melancólico Dom Duarte e o autor também português Almeida Garrett:

“Mas é sobre a “suidade”, a saudade, que dom Duarte mais se estenderá. O termo provavelmente vem do latim solitatem, solidão, que deu soedade, soidade, suidade e depois saudade. Dom Duarte começa dizendo que “é um sentido do coração que vem da sensualidade, e não da razão”. Sensualidade, aqui, não tem, evidentemente, o sentido que hoje damos à palavra; é algo que se contrapõe à razão, ou seja, é emoção. [...] Mas Dom Duarte destaca outro aspecto da saudade. Ela envolve “afeição e deleitação”. “Um delicioso pungir, um gosto amargo”, para usar (...) uma expressão de Almeida Garrett. Temos saudade daquilo de que gostamos e gostamos de ter saudade.”(p.148 a 150).

Mais adiante, Scliar também fala que “como a melancolia, ela remete à contemplação, à inação; mas enquanto desejo nutrido por imagens idealizadas, pode dar origem a uma causa, a um objetivo.” (p. 151) Ou seja, a saudade é um sentimento agridoce assim como a melancolia, mas se diferencia por se tratar especificamente

de um desejo daquilo que não está mais aqui, seja pela distância ou simplesmente por não existir mais, este desejo que pode nos levar à contemplação, assim como a melancolia, também pode nos inspirar a agir e ir atrás de um objetivo.

A primeira parte deste trabalho se refere a fotos antigas até as fotos da Mayara em 2022. Nesta parte, o tipo específico de melancolia que é a saudade foi levado em consideração, assim como a noção de memória e nostalgia que estão relacionadas não só à melancolia como à fotografia em si.

Para isso foram escolhidas nove (9) fotos, sendo quatro (4) delas uma sequência, que compõem uma única obra, em ordem cronológica que passam o sentimento de melancolia. Foram usadas fotos coloridas e pretas e brancas.

As fotos desta parte se assemelham com o que Cotton descreve como fotografia de quadro-vivo (*tableau-vivant photography*): um tipo de fotografia encenada e que narra uma história. Este tipo de fotografia, embora deva sua existência às pinturas figurativas dos séculos XVIII e XIX, não é apenas uma imitação da pintura. “Ao contrário, as duas técnicas demonstram uma mesma compreensão de como uma cena pode ser coreografada para o espectador de maneira que este possa reconhecer que uma história está sendo contada” (Cotton, p. 49). Neste tipo de fotografia, as cenas são construídas e encenadas a partir da história que está sendo contada. A iluminação também é parte importante por ajudar a construir a atmosfera desejada.



Figura 8 – Clara Linhares, *Contemplação*, 2019. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal

Contemplação (figura 8) é a foto mais antiga das fotos selecionadas. Nela vemos Jeanne sentada em um poltrona em posição reflexiva. “Temos aqui uma cena

estilizada o suficiente para suspeitarmos de que se trata de um acontecimento coreografado” (Cotton, p. 51). A foto foi feita no início de 2019, na época todo o cenário foi minuciosamente pensado para representar a própria Jeanne, mas mudando o contexto mudamos o significado da fotografia e ao agrupá-la com as demais fotos ela passa a ser guiada pelo fio invisível da melancolia tal qual as outras.

Na edição, foram utilizadas cores frias em sua maioria para trazer a tristeza da melancolia. Mas, como a melancolia é um sentimento agriadoce para quebrar um pouco a tristeza, acrescentei um toque de cores quentes em detalhes como a luz da luminária, rádio, livro e pele. A foto é propositalmente escura e com sombras fortes para aumentar a dramaticidade.



Figura 9 – Clara Linhares, *Inquietude 1*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 10 – Clara Linhares, *Inquietude 2*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 11 – Clara Linhares, *Inquietude 3*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 12 – Clara Linhares, *Inquietude 4*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

Inquietude 1 a 4 (figuras 9 a 12) formam uma sequência de *close-up* no olhar inquieto da modelo, Ana Júlia, em que ela jamais nos olha nos olhos. As 4 fotos formam uma única obra. Este desvio do olhar não é por acaso, a ideia é buscar algumas das características anteriormente citadas da melancolia como o medo, a inquietação, a apatia e a tendência à reflexão. Pelas gotas de água e o reflexo no topo das fotos, podemos ver que existe um vidro entre a modelo e a câmera, o que nos leva a pensar onde Ana Júlia está na foto: ela está diante de uma porta? Uma janela? A falta de mais informações visuais impede o espectador de chegar a uma conclusão, sabe-se apenas que existe uma barreira entre ela e o espectador.

A edição foi feita em preto e branco para que as cores da foto não agissem como distração e pudéssemos focar somente no olhar, mas foi acrescentada tonalidade azul nos realces para trazer novamente o sentimento da melancolia. O preto e branco também carrega significado em relação à história da fotografia que como vimos é melancólica.



Figura 13 – Clara Linhares, *Memória 1*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

Quando Júlia nos encara em *Memória 1* (figura 13), ela nos questiona sobre as questões que são trazidas nas figuras 9 a 12. O olhar que encara a câmera questiona, afirma e nega a própria existência em um milésimo de segundo que nunca será vivido novamente. A natureza melancólica da fotografia bate de frente conosco.

Novamente na edição são utilizadas cores frias em sua maioria, mas para quebrar a frieza em vez de detalhes com cores quentes, foi utilizada uma tonalidade avermelhada nas sombras que dialoga com a cor do batom. Esta foto também é propositalmente escura e com sombras fortes para fins dramáticos.

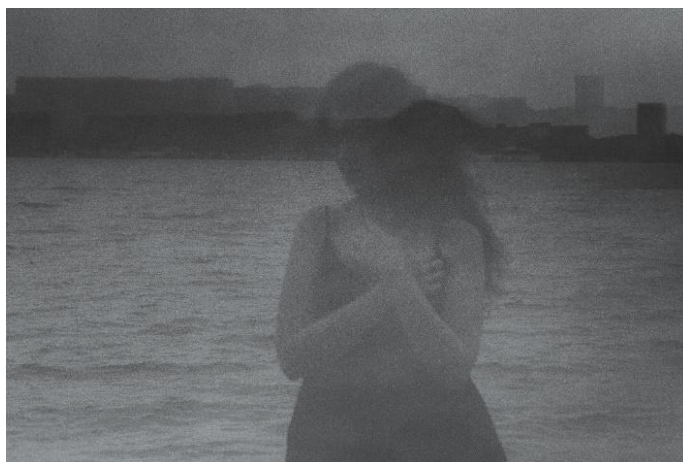


Figura 14 – Clara Linhares, *Memória 2*, 2021. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

Em *Memória 2* (figura 14), outra foto da Júlia, um prisma foi utilizado na frente da lente da câmera para distorcer a imagem. Seu efeito enevoado remete àquilo que está diante de nós, porém é inatingível, quase como uma lembrança se esvaindo, fugindo do nosso alcance. Presença e ausência coexistem. Seus limites são indefiníveis assim como a própria melancolia. A edição em preto e branco novamente evita que as cores nos distraiam do tema e o granulado remete à memória.

Ambas as fotos da Júlia foram tiradas na mesma paisagem idílica em que podemos ver o vento movimentando a água, o cabelo e o tecido da roupa. O ensaio foi vagamente inspirado na tradição do romantismo.



Figura 15 – Clara Linhares, *Saudade 1*, 2022. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 16 – Clara Linhares, *Saudade 2*, 2022. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

Originalmente, as fotos *Saudade 1* e *2* (figuras 15 e 16) do ensaio da Mayara retratam símbolos para a melancolia. O buquê de flores murchas (figura 15) se tratava de uma referência à como as plantas deveriam ser usadas para o tratamento da melancolia e, ao abraçar o buquê de flores murchas, o melancólico abraça sua própria existência enquanto melancólico. Já as velas (figura 16), eram uma metáfora para o passar do tempo e a inércia do melancólico em relação a ele.

Mas, inevitavelmente, essas fotos agora falam mais do que tudo sobre a morte iminente. Sobre a garota abraçando um buquê de flores murchas pouco antes de sua morte e o queimando quase como um prelúdio daquilo que viria a acontecer.

Mesmo redefinidas de significado, as fotos ainda se encaixam no fio invisível da melancolia que estamos utilizando como narrativa, talvez se encaixem ainda mais.

5.2 FACES DO LUTO

Como dito anteriormente, no início de 2023, para que fosse possível continuar com o projeto, precisei transformá-lo. Todas as fotos mostradas até agora foram feitas antes desse momento e ressignificadas para se encaixarem na narrativa. Já as fotos da segunda parte foram feitas já considerando uma transformação.

Estas fotos foram feitas logo após a primeira sessão de terapia que fiz após a morte da Mayara, meses depois. Nesta sessão, percebi como vinha internalizando uma culpa por ter feito o ensaio melancólico com ela antes de sua morte e este foi meu último contato pessoalmente com ela. Entrar em contato com estes sentimentos foi o suficiente para despertar a ideia para as fotos desta parte do projeto.

Ao chegar em casa após a terapia, com todos estes sentimentos borbulhando, posicionei a câmera, ajustei a luz e reorganizei os móveis do quarto para não aparecer no campo de visão da câmera. Enquanto a câmera disparava, permiti-me sentir tudo que estava guardando até o momento.

O resultado foi uma série de seis (6) fotos que chamei de “FACES do luto” (figuras 17 a 22). A série pode ser considerada uma fotoperformance, como descrito por Cotton:

O ato artístico central consiste em direcionar um evento especialmente para a câmera. Esta abordagem significa que o ato da criação artística começa muito tempo antes de a câmera ser efetivamente fixada na posição adequada e de a imagem ser registrada, uma vez que se inicia com o planejamento da ideia criativa. (...) o espectador não testemunha o ato físico, como ocorre numa performance, ficando, em vez disso, diante de uma imagem fotográfica como obra de arte. (p. 21)



Figura 17– Clara Linhares, *Faces do Luto 1*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 18 – Clara Linhares, *Faces do Luto 2*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 19 – Clara Linhares, *Faces do Luto 3*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 20 – Clara Linhares, *Faces do Luto 4*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 21 – Clara Linhares, *Faces do Luto 5*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 22 – Clara Linhares, *Faces do Luto 6*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

O nome escolhido é um jogo de palavras com a expressão “fases do luto”, comumente utilizada na psicologia. Como explicado na apresentação do texto *Luto e melancolia* na edição publicada pela LeBooks Edidora:

Em meados da década de 1960, a psiquiatra Kübler-Ross, estuda a partir de sua experiência profissional com pacientes terminais as fases pelas quais passaria o luto. A obra *Sobre a morte e o morrer*, publicada em 1969, analisa os estágios pelos quais passam as pessoas no processo de terminalidade: **negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação.** (p. 10, grifo nosso)

Embora a série não tenha o intuito de retratar didaticamente cada fase do luto como descritas por Kübler-Ross, são retratados momentos diferentes de uma mesma crise e mostradas diferentes faces do mesmo sentimento em ordem de acontecimentos.

Como mencionado anteriormente, o luto e a melancolia são muito semelhantes por serem ocasionados pela perda de algo ou alguém, no entanto, a perda do melancólico se encontra retirada da consciência, enquanto a perda do enlutado nada tem de inconsciente (FREUD).

Ao não conseguir identificar o que foi perdido, a perda do melancólico se desloca para o próprio ego, tendo como consequência uma grande perturbação na autoestima. O melancólico possui uma enorme insatisfação consigo mesmo de ordem moral, mais do que em qualquer outro ponto, mas ao invés de se envergonhar ele sente prazer em se desmascarar.

A série de autorretratos do meu próprio luto encontra-se em algum lugar entre o luto e a melancolia, pois, apesar do objeto perdido ser identificável, ele não é mencionado nas fotos. Além disso, trata-se basicamente de um desmascaramento da minha perturbação e insatisfação comigo mesma, características existentes apenas na melancolia e não no luto.

No contexto em que estão colocadas, ou seja, ao dialogar com as demais fotos, a série representa mais do que a dor da perda da Mayara. Elas são uma conclusão, a consequência natural de passar tanto tempo mergulhada no sentimento da melancolia em busca de respostas que jamais poderiam ser encontradas neste estudo. Estas fotos são o retrato de alguém que escolheu explorar a melancolia por vontade própria e arrependeu-se do que encontrou.

5.3 EXPOSIÇÃO

Como alguém que trabalha majoritariamente com fotografia digital estou acostumada a vê-las sempre em uma tela, seja do computador ou da própria câmera. Mas a imagem na tela é imaterial, não há textura, e o tamanho depende apenas da resolução da foto e da tela escolhida, a mesma foto pode caber em um celular e uma tela de cinema, o que apesar de oferecer várias possibilidades, também pode limitar a noção de dimensão.

Então, decidir como dispor das fotos escolhidas, qual tamanho imprimir e qual material usar foi desafiador para mim por estar fora da minha zona de conforto.

Para começar esse processo, foram feitas algumas impressões de teste em diferentes papéis em 10 x 7,5cm. Na figura 23, vemos a mesma foto impressa em dois papéis diferentes: em cima *Canson Photo Mate Paper* de 180 gsm e embaixo *Canson Rag Photographique* de 310 gsm. O primeiro é um papel fotográfico fosco; e o segundo um papel também fosco de qualidade museológica.



Figura 23 – Clara Linhares, *Impressões de Teste*, 2023. Fotografia digital.
Fonte: Acervo pessoal.

Analisando as duas impressões cuidadosamente, o *Canson Rag Photographique* foi escolhido para a impressão de todas as fotos por sua gramatura, textura e pela qualidade do papel realçar detalhes da foto como a nitidez e a profundidade.

Após escolhidas as fotos e o material da impressão, faltavam apenas os tamanhos e como dispô-las. Para isso, fiz um esboço de como exporia as fotos na proporção certa.

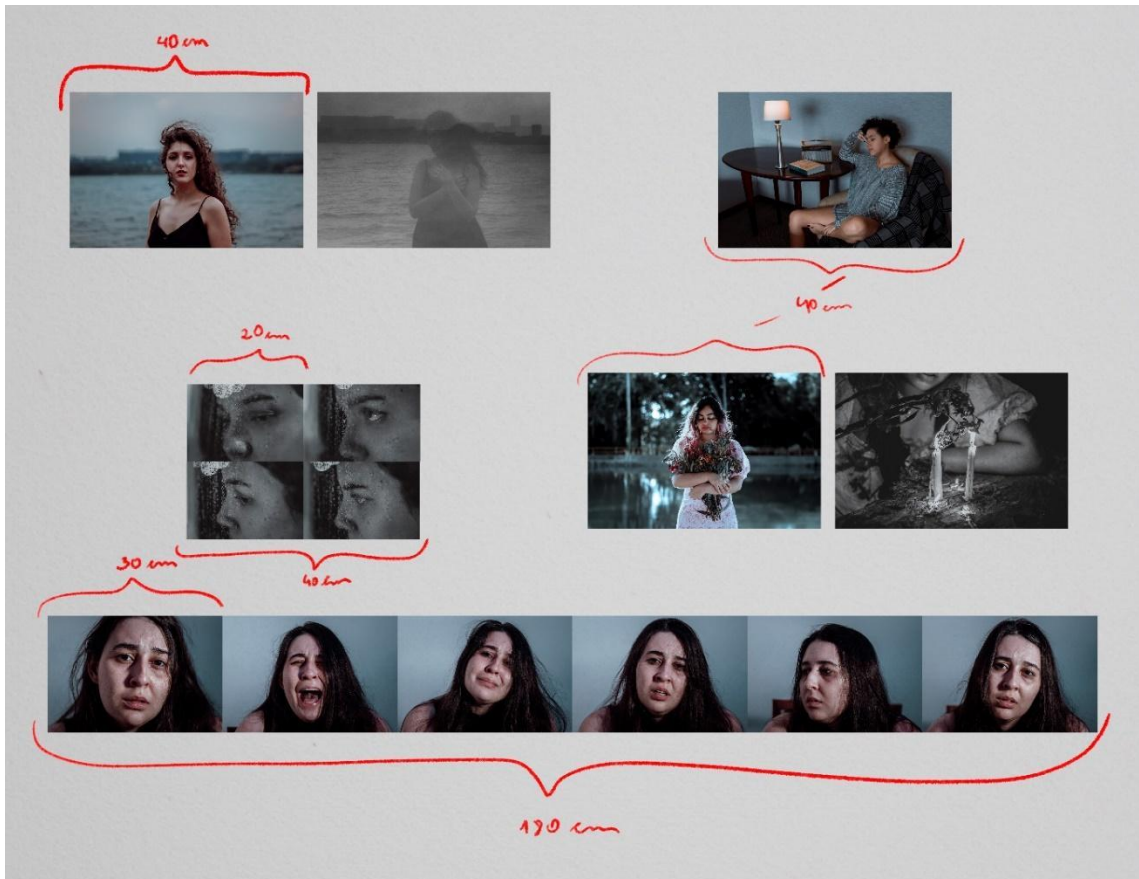


Figura 24 – Clara Linhares, *Esboço de expografia*, 2023. Colagem digital.
Fonte: Acervo pessoal.

As fotos da primeira parte foram impressas em 40 x 26cm, exceto as da série *Inquietude* que formam uma única obra, estas ficaram em 20 x 13cm de forma que as quatro juntas ficam do mesmo tamanho que as demais. As que funcionam como seqüências ficaram posicionadas lado a lado para passar esta ideia, já as demais ficaram espaçadas para manterem sua individualidade apesar de serem um conjunto.

Já as fotos da segunda parte foram impressas em 30 x 20cm e ficaram posicionadas lado a lado em uma seqüência horizontal para passar a ideia de um rolo de câmera e cronologia. Também foram posicionadas abaixo para determinar a largura de todo o conjunto e contrastar com as demais pelo conteúdo, tamanho e forma de disposição.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora retratar a melancolia em retratos fotográficos tenha sido um desejo antigo, passar os últimos anos mergulhada nesse sentimento mexeu com meu psicológico, principalmente após a morte da Mayara.

Finalizar este projeto após tudo que aconteceu foi provavelmente a coisa mais difícil que tive que fazer na vida e sinto que já explorei o tema da melancolia mais do que me faz bem, então para o futuro pretendo abandonar este tema, pelo menos como uma busca consciente.

No entanto, não pretendo parar de fotografar pessoas próximas a mim mesmo que, como Nan Goldin, continue criando uma coletânea de tudo e todos que perdi. Fotografar o mundo e as pessoas ao meu redor se tornou ao longo dos anos uma forma de me manter viva.

7. LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Albrecht Dürer, <i>Melencolia I</i> , 1514. Gravura 24.1x 18.5 cm.	10
Figura 2 – Clara Linhares, <i>Sem Título</i> , 2017. Fotografia digital.	15
Figura 3 – Clara Linhares, <i>Sem Título</i> , 2017. Fotografia digital.	15
Figura 4 – Clara Linhares, <i>Sem Título</i> , 2018. Fotografia digital.	16
Figura 5 – Nan Goldin, <i>Cookie</i> , 1983.	17
Figura 6 – Francesca Woodman, <i>Space</i> , 1976.	17
Figura 7 – Bas Jan Ader, <i>I'm too sad to tell you</i> , 1970. Still de vídeo.	18
Figura 8 – Clara Linhares, <i>Contemplação</i> , 2021. Fotografia digital.	21
Figura 9 – Clara Linhares, <i>Inquietude 1</i> , 2021. Fotografia digital.	22
Figura 10 – Clara Linhares, <i>Inquietude 2</i> , 2021. Fotografia digital.	22
Figura 11 – Clara Linhares, <i>Inquietude 3</i> , 2021. Fotografia digital.	22
Figura 12 – Clara Linhares, <i>Inquietude 4</i> , 2021. Fotografia digital.	23
Figura 13 – Clara Linhares, <i>Memória 1</i> , 2021. Fotografia digital.	23
Figura 14 – Clara Linhares, <i>Memória 2</i> , 2021. Fotografia digital.	24
Figura 15 – Clara Linhares, <i>Saudade 1</i> , 2022. Fotografia digital.	25
Figura 16 – Clara Linhares, <i>Saudade 2</i> , 2022. Fotografia digital.	25
Figura 17 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 1</i> , 2023. Fotografia digital.	26
Figura 18 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 2</i> , 2023. Fotografia digital.	27
Figura 19 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 3</i> , 2023. Fotografia digital.	27
Figura 20 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 4</i> , 2023. Fotografia digital.	27
Figura 21 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 5</i> , 2023. Fotografia digital.	27
Figura 22 – Clara Linhares, <i>Faces do Luto 6</i> , 2023. Fotografia digital.	28
Figura 23 – Clara Linhares, <i>Impressões de Teste</i> , 2023. Fotografia digital.	30
Figura 24 – Clara Linhares, <i>Esboço de expografia</i> , 2023. Colagem digital.	31

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. Editora Companhia das Letras, 2017.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COTTON, Charlotte. *A Fotografia Como Arte Contemporânea*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CORREIA, Vrndavana Vilasine Laune. TCC (Graduação) – Curso de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

CAMPBELL, O. **Focus on the Feminine Self and Set Aside the Suicide of Francesca Woodman**. Disponível em: <<https://americansuburbx.com/2014/12/francesca-woodman-sammlung-verbund.html>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos. **Imagem e conhecimento**. 2006.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. [s.l.] LeBooks Editora, 2020., 45 p.

I'm too sad to tell you. Disponível em: <<https://www.boijmans.nl/en/collection/artworks/57785/film>>. Acesso em: 3 jul. 2023.
MCCORD, B. Your ultimate guide to Nan Goldin. Disponível em: <<https://www.dazeddigital.com/photography/article/34062/1/your-ultimate-guide-to-nan-goldin>>.

Melancolia. Disponível em: <<http://oestadodaarte.com.br/melancolia/>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Melencolia I - Albrecht Dürer. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/asset/melencolia-i/GgHjdLYYfayf3g?hl=pt-BR>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MICHAELIS. **Saudade**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/saudade>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TATE. **Finding Francesca – Look Closer | Tate**. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artists/francesca-woodman-10512/finding-francesca>>. Acesso em: 3 jul. 2023.